

A BARONESA
UMA NOVELA FOTO-ÁUDIO-ENSAÍSTICA
EM DUAS VOZES E DEZ CAPÍTULOS
DE

CHARLES ALLINGTON

MULHER: Epílogo

MULHER: Todos os dias Charles Allington vai à prisão de mulheres na saída de Viena. Ele visita Natália, leva livros, flores e biscoitos doces para o chá.

O advogado de defesa conseguiu a redução da pena de morte para prisão perpétua, de prisão perpétua para dez anos, de dez para cinco anos por bom comportamento, porque não encontraram o corpo do barão Viktor Schoemberg.

HOMEM: Charles espera na sala de visitas. Ele senta sempre próximo à janela, para que Natália possa ter um pouco de sol. São poucos os meses de sol na cidade, então, é preciso aproveitar para a alegria voltar aos ossos, a esperança aquietar o coração.

MULHER: Natália vem na direção da mesa. Não comenta nada sobre o sol, as flores, os livros, os biscoitos de aveia e mel. Parece distante, o rosto magro, a pele opaca, o cabelo sobre os ombros, mas presos por um lenço. Não parece uma baronesa.

Até o título a condenação retirou. Natália olha diretamente para Charles como se ele fosse o único culpado, tudo começou com ele na segunda fila do Staatsoper, ela cantando Electra para a Companhia Azul.

HOMEM: O tempo apaga das pessoas aquilo que um dia foram. Talento, sucesso, beleza desaparecem mais rápido que as estações do ano. Apenas os sentimentos permanecem. Se forem sentimentos positivos os olhos brilham, mesmo que por baixo das rugas, a pele aveludada, mesmo sob veias grossas azuis.

MULHER: Não há música na voz de Natália. Não há mais o olhar impassivo desafiando todo e qualquer ser. Recebe a visita do detetive Charles como se fosse uma obrigação, até com uma certa repulsa.

HOMEM: Tudo isso Charles percebe com apenas um olhar. Ele não se esqueceu das lições do mestre Conan Doyle, de observar os detalhes, pois eles dão o sentido da narrativa, colocam em palavras as características do personagem.

A princípio Charles se incomodava com a distância de Natália. Sentia a tristeza de Natália como se tristeza própria. Mas, aos poucos, foi tomando para si a distância da prisioneira, como se fosse ele também prisioneiro das grades que a ela impôs.

MULHER: Lê para ela “A casa vazia”. Se em “O problema final” Conan Doyle mata Sherlock Holmes ao mesmo tempo que a seu arqui-inimigo Moriarty, em “A casa vazia” ressuscita seu personagem mais conhecido, apenas e somente apenas com o uso das palavras exatas, objetivas, racionais.

HOMEM: O sentimento fora isolado nas quatro paredes do corpo de Charles. Ele nunca mais sentirá o palpitar do coração nos ossos, o descontrole dos músculos por causa de um sorriso de mulher. Ela pode se balançar no trapézio, cantar uma ária, olhar diretamente para ele, do palco para a plateia do Staatsoper, do banco dos réus para a plateia do tribunal, do lado direito para o lado esquerdo no Cemitério Saint Marx.

MULHER: O pai de Natália olha para o quadro de Gustav Klimt na parede da biblioteca. Tenta captar os últimos instantes da pintura do quadro misterioso, quando sua mulher ainda era jovem, ainda era bela, ainda era viva.

HOMEM: A mãe de Natália faleceu no mesmo ano que a filha foi presa. Ela não perdoou o marido nem no leito de morte por não salvar a única filha do casal. Ele não conseguia olhá-la nos olhos e redimir-se da culpa. Olhava para a esposa e lembrava-se da filha, tão parecidas eram as duas.

MULHER: O quadro de Gustav Klimt olha para o pai de Natália. Klimt o pintou em 1902, no mesmo ano que Sigmund Freud começou a se reunir com psiquiatras, médicos, intelectuais de Viena e de outras cidades da Europa, nas quartas-feiras à noite.

HOMEM: Se o pai de Natália não tivesse ido à reunião de Freud, poderia assistir aos últimos instantes da pintura do retrato da esposa. Poderia compreender que a juventude passa, mas o amor fica, que o erro destrói, mas o perdão junta as bolinhas brancas, ocre, sobre o vestido de florezinhas azuis, os cabelos presos no alto, um espaldar por trás da cabeça, o olhar altivo, a mão direita na cintura, a esquerda solta ao longo do corpo ainda esguio.

MULHER: E lá, na janela da biblioteca, sentada em uma poltrona, a filha olhando para a mãe, reconhecendo na mãe o jogo de espelhos com que a natureza as presenteou, e os três, pai, mãe e filha, não souberam aproveitar.

HOMEM: Em 1902, Sigmund Freud criou a Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras. Em 1907, a Sociedade se transformou na Associação de Psicanálise de Viena, que serviu de modelo para a Associação Psicanalítica Internacional a partir de 1910.

Freud investigou profundamente os mitos, destacando-se, entre eles, o mito de Édipo, nomeando o famoso complexo. Na história de Édipo, o pai Laio descobre no oráculo que o filho irá matá-lo e se casar com sua esposa Jocasta. Tenta afastar o filho do destino, manda matá-lo. Mas a compaixão do servo encarregado de matar a criança faz o destino prevalecer: Édipo crescer num reino distante, ir ao oráculo e receber a mesma profecia, fugir de casa, encontrar numa encruzilhada o pai verdadeiro e matá-lo, conhecer, apaixonar-se e se casar com Jocasta, a mãe verdadeira, descobrir a verdade por causa de uma epidemia da qual ele mesmo era o culpado, arrancar os próprios olhos e sair errante pelo mundo.

MULHER: Freud investigou profundamente Édipo, mas não se deteve em Electra. A filha que vai vingar a morte do pai é substituída por uma filha que recebe a punição que ao pai deveria ser destinada. As máscaras de verdade e mito se misturam, e não sabemos mais qual das duas é Natália, qual das duas é Electra, esta que foi condenada pelos deuses por causa do assassinato da mãe, mas os mesmos deuses recomendam como expiar a culpa e purgar a alma do crime.

Por isso, Natália aguarda resignada a visita do único filho.

HOMEM: Lukas demorou muito tempo para querer visitar a mãe. Enquanto a avó era viva, entregou-se aos seus cuidados maternos, como se aquela fosse a única mãe, elas que eram tão parecidas fisicamente.

Apesar da anterior distância de Viktor e da proximidade de Natália, Lukas não perdoava a mãe por haver matado o pai. Não a perdoava por não se fazer amada pelo marido a ponto de Viktor precisar procurar amor e carinho em todas as mulheres de Viena.

Um dia acordou e a barba começava a crescer. Mostrou ao avô, orgulhoso, e pediu que o levasse ao bordel. Foi iniciado com a dona da casa, aprendeu as técnicas que dessem mais prazer às mulheres, mas também ele sentisse prazer. Talvez sentisse mais prazer vendo-as gozosas do que com o próprio gozo.

Vestiu-se como se fosse um homem feito. Colocou paletó, gravata e cartola pretos e foi ao encontro da mãe, no horário de visitas da prisão de mulheres na saída de Viena.

MULHER: Natália prepara-se para a sessão de visitas. Hoje acordou com vontade de se arrumar, colocar um perfume, uma suave maquiagem, prender no alto da cabeça, em coque, os cabelos rubros, vestir um vestido preto, calçar umas sandálias douradas, sentir-se mulher.

Não sente mais repulsa pela provável visita de Charles. Ao contrário, começa a sentir um formigamento nas mãos, curiosa para saber o que traria para ela hoje, que histórias leria do detetive inglês, que biscoitos degustariam durante o chá improvisado, que flores aspiraria o aroma, levaria consigo para a cela e colocaria no vaso de barro só para elas reservado.

HOMEM: A mesa ao lado da janela já está ocupada. Mas não é Charles que ela vê ali. É um jovem de barba e bigode, chapéu alto preto posto em cima da mesa, paletó e gravata arrumados, alguns lírios-brancos nas mãos.

E a tarde passou como uma brisa. Natália e Lukas a se lembrarem do passado, a mãe alisando as mãos de homem do filho, o filho encontrando no sorriso da mãe a mulher que ela foi um dia.

MULHER: O sol se põe pela janela da sala de visitas. Natália e as outras tantas companheiras de prisão retornam para as suas celas. Elas retornam, algumas de mãos vazias, outras, com um mundo inteiro em suas mãos.

A baronesa está sozinha na cela. O holofote lunar projeta entre as grades uma luz âmbar sobre o rosto suavemente maquiado, os cabelos rubros presos em coque no alto da cabeça, um vestido longo de seda, preto, desliza sobre o corpo esguio, das sandálias douradas aparecem as pontas dos pés.